

O MOVIMENTO FRANCISCANO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

*Larissa Fabricio Fröhlich**

I

A Idade Média da Europa ocidental cristã, ao contrário do que às vezes ainda se acredita, está longe de ter sido um período de estagnação. Foi sim uma época em que se procurou preservar e enriquecer a herança recebida, principalmente da Antigüidade clássica, adaptando-a às necessidades da época. O conhecimento, mesmo que restrito ao meio religioso, desenvolveu-se muito.

Como se configurava a realidade da Igreja católica, no contexto medieval em que surgiu o movimento franciscano?

O Cristianismo na sua origem era essencialmente ligado aos pobres, mesmo depois de Constantino (313 a.C.) permitir o culto cristão. Mas foi a partir de Constantino e Teodósio, imperadores romanos, que a Igreja começou a estruturar-se como instituição e a ocupar um lugar político na sociedade.

A Igreja cristã passa a figurar como Igreja católica a partir da hegemonia que assume na cultura ocidental, conforme sugere a etimologia do termo de origem grega (*katholikos*, de *kata* “de alto a baixo”, e *olos* “por completo, por inteiro”). Sua hierarquia aparece já numa primeira divisão que se estabelece, distinguindo fiéis e pessoas que devem dirigi-la, uma

* Licenciada em História pelo Centro Universitário Franciscano de Santa Maria e professora de língua italiana da Associazione Culturale Italiana del Rio Grande do Sul (ACIRS).

cúpula de “ilustres”. A conquista de seu espaço passou por sua aliança com grupos de poder: ricos, nobres, senhores feudais.

A violência e a insegurança que dominaram a Europa Ocidental a partir da expansão dos chamados povos bárbaros (godos, francos, germanos, entre outros) determinaram a absoluta necessidade de proteção para esse território, abrindo caminho ao sistema feudal, baseado na dispersão de poder em mãos variadas, sistema estabelecido desde fins do século V com a descentralização política e a decadência da economia, e que durou grande parte da Idade Média. Havia desaparecido os vestígios de qualquer infraestrutura promovida pelo Estado e quem passou a exercer as funções estatais foi a Igreja. A saúde e os alimentos dos necessitados, os órfãos, as pontes, as estradas, inclusive o enterro dos mortos, eram parte de seus encargos. Apoiando-se em explicações religiosas para todo o universo de ignorância e superstições que povoava a realidade das parcelas menos favorecidas, principalmente dos séculos IX e X, aos poucos firmou-se como a única forma de compreensão da realidade, o que lhe conferia poder absoluto em todos os âmbitos.

Uma das mais significativas organizações que marcaram a Igreja, sobretudo nos séculos XII e XIII foram os mosteiros, centros de ensino, com enormes bibliotecas. Durante muito tempo, até o renascer da vida urbana, foram a única instituição transmissora de conhecimentos sistemáticos, registrados na forma de anais e crônicas, principalmente.

As ordens monásticas da Idade Média estavam inseridas no modo de vida feudal. Os monges viviam como senhores feudais, com servos e colonos. O próprio mosteiro constituía-se num centro de poder, de cultura e também de riqueza. Era na verdade um feudo com todas as suas especificidades. Para a Igreja, verdadeira suzerana, tornava-se relativamente fácil o controle das pessoas, de seu modo de pensar e de se comportar. Essa dominação se dava muito em função de que a grande maioria, inclusive nobres e até reis, eram completamente iletrados, em contraste com o intelectualismo do clero. Deus, na concepção medieval, inserido num mundo de normas onde tudo girava em torno do poder de uns sobre os outros, era um Senhor onipotente, que subjugava os homens.

Durante o médioevo a Igreja católica aparece com muita ambigüidade, pois deveria ser a maior responsável pela defesa da paz e, no entanto, como grande proprietária de terras – a grande riqueza na época – participava da busca desenfreada de lucros e bens, desencadeando conflitos constantes. Protegeu os seus interesses e conduziu inclusive exércitos, apesar de ser proibido aos clérigos possuir armas. Tão logo se apercebeu fortalecida, passou a articular campanhas para não perder o espaço conquistado na

maior parte da Europa ocidental. Instituiu instrumentos repressivos, como posteriormente a Inquisição, o maior deles, que combateria tudo o que fosse considerado heresia, buscando manter a “unidade religiosa.” Organizou também companhias militares, principalmente as cruzadas. Formulou princípios econômicos a serem seguidos, condenando o proveito individual, a usura, a especulação, o lucro; tudo isso absolutamente contrário às idéias que surgiram com a revolução comercial e com a realidade das comunas que se instalaram principalmente em algumas cidades onde se desenvolvia uma rica burguesia ligada ao comércio, como era o caso de Assis.

A sociedade, em função do poder da Igreja, estabeleceu-se de tal forma que só os cristãos tinham direitos, sendo que a pena da excomunhão era a pior possível e, portanto, poderoso instrumento de coerção e de submissão aos dogmas impostos. O mundo era naturalmente dividido em camadas sociais fixas, e nada se podia fazer contra essa realidade, a não ser esperar para que numa vida pós-morte as coisas fossem diferentes.

A Europa cristã viveu a partir do século XI um grande temor: em 1055, turcos nômades asiáticos conquistaram extensas áreas do Oriente Próximo, que estavam em poder dos árabes e do Império bizantino – considerado posto avançado cristão – fazendo com que os árabes (e com eles o islamismo) se deslocassem atingindo os locais sagrados do cristianismo. A conquista de Jerusalém, a proibição da entrada de peregrinos nos lugares santos, a profanação dos mesmos e o perigo que agora representava Constantinopla causaram temor e indignação no Ocidente.

Apesar de Igreja ocidental e oriental terem se separado desde 1054 (o Cisma), o Papa assumiu compromisso de proteção com o Império bizantino, principalmente visando a libertação de lugares santos. Durante quase dois séculos mantiveram-se as cruzadas (1096-1270), a fim de reconquistar a Terra Santa. O que as movia era o fervor religioso, a busca dos nobres por aventura e a ambição dos cavaleiros que procuravam enriquecer. A história oficial registra sete cruzadas, mas parece ter havido muitas outras, não somente em direção ao Oriente, contra os considerados infiéis e os não cristãos. Cruzadas perseguiram e levaram muita crueldade à Península ibérica, contra os mouros, na França contra os cátaros; massacraram e roubaram populações de judeus na própria Europa, e ainda se voltaram contra os seguidores do cristianismo oriental por diversas vezes.

Após as primeiras cruzadas outros interesses substituíram absolutamente o fervor religioso, como os interesses pelas riquezas orientais, já em função do ressurgimento do comércio. É nesse quadro que se explica ainda a participação de muitas famílias burguesas nas guerras ou nas cruzadas, o que lhes permitia não só o aumento da fortuna, através dos contatos com o

Oriente, mas também a conquista de prestígio e títulos de nobreza.

A vida nessa época durava e valia muito pouco. As camadas inferiores eram normalmente as envolvidas com o trabalho na terra, e ainda abaixo destes havia os radicalmente excluídos: os leprosos, os foras-da-lei, e por vezes os peregrinos. O trabalho repartia-se entre os trabalhadores livres, os servos e, em número menor, os escravos. Os que exerciam atividades manuais sofriam enormemente com o desprezo social e mesmo da Igreja. Os que lavoravam a terra, os camponeses, não tinham direitos de cidadãos como os proprietários. Portanto, a concentração de terra nas mãos de poucos acarretou a miséria – entre os séculos V e X – e depois o êxodo rural, que contribuiu para o renascimento urbano e o povoamento das cidades – principalmente a partir dos séculos XI e XII.

Já no século X alguns desvios apontaram a decadência do regime. A chamada classe média não existia nessa sociedade: entretanto são justamente os empobrecidos, dependentes dos grandes proprietários da riqueza maior da época, a terra, em função do seu descontentamento com a exploração desmedida, que irão vagar pelo mundo e que, lançando-se nas atividades bélicas e no comércio, constituirão as bases para o renascimento comercial dos séculos XII e XIII, época de maior domínio político e econômico da Igreja. Além de um estado pontifício que abrangia mais ou menos uma terça parte da atual Itália, ela detinha o poder sobre boa parcela da Europa pela imposição de governadores.

Nesse período não se podia falar em países tais como os conhecemos hoje. O Império germânico, paralelamente ao Império papal, era o dominante no mundo europeu de então. Naturalmente a teologia defendia como único poder legítimo – espiritual e temporal – o poder do papa. Aliás, este era quem designava o representante do poder temporal, assim os reis deveriam ser coroados em Roma, praticamente declarando-se subordinados ao domínio da Igreja. Entretanto, apesar dessa hegemonia, fortalecia-se a insatisfação geral, manifestada pelo crescimento do número de hereges e pela não aceitação da verdade da Igreja católica como única e incontestável. Na raiz desse descontentamento está o progresso comercial.

Os séculos XII e XIII foram portanto os séculos do grande desenvolvimento econômico medieval, tempo marcado por novas possibilidades, contrariando a idéia feudal de mundo “imóvel”. Os muçulmanos recuavam os seus domínios no Mediterrâneo, em função de conturbações no Oriente Médio, assim aumentando o interesse pela navegação e o desenvolvimento das técnicas a respeito. Intercâmbios comerciais intensificavam-se através de novas rotas marítimas e da melhoria das comunicações terrestres com o renascimento urbano. O comércio cresceu muito em intensidade e varieda-

de; todo esse desenvolvimento possibilitou o controle das pestes – comuns no medievo – e por conseqüência o aumento demográfico. A onda de progresso comercial foi acompanhada do desenvolvimento em outras áreas, como por exemplo a das atividades artesanais, o que propiciou a organização das chamadas corporações de ofícios, espécies de sindicatos que protegiam os trabalhadores da exploração dos que detinham maior poder econômico e político. No medievo, foi uma importante experiência social e econômica que ajudou a fundamentar uma concepção mais aberta de homem. A fraternidade, o espírito democrático, eram características das corporações, que muito contribuíram para a consolidação das cidades da região onde hoje é a Itália, como uma das mais fortes e desenvolvidas da época.

O capital dominava portanto todas as instâncias da vida medieval, e comprava também a própria cidadania. Assim sendo, os comerciantes passam a ocupar aos poucos o lugar privilegiado que antes detinham os proprietários de terras, os guerreiros e os clérigos.

A nova camada social que surgia formando os meios urbanos e ligada ao comércio, não poderia fazer parte da grande parcela analfabeta da população medieval. Fundaram-se então inúmeras escolas leigas onde os filhos de homens ricos estudavam, não mais apenas os textos sagrados, iniciando-se também em conhecimentos mais práticos e necessários à nova realidade, como a matemática por exemplo. Os livros, que durante muito tempo – todo o período feudal principalmente – foram propriedade exclusiva dos eclesiásticos, começaram a aparecer entre os comerciantes e mercadores, mais significativamente a partir do século XIII. Dentre as obras que constavam do acervo da burguesia comercial estavam as Vidas dos Santos, a Bíblia, o Saltério, além de textos de Cícero, Boécio, Boccacio. Surgem as Universidades e quem as freqüenta são os filhos dos burgueses, isto é, homens de comércio que habitavam as cidades. Na verdade o horizonte dos comerciantes era bem mais amplo do que o da grande maioria dos cidadãos da Idade Média.

É importante observar que as ordens mendicantes, como a franciscana e a dominicana, surgiram no meio urbano, que era o centro das recriminações da Igreja no período. O comércio, por exemplo, estava sempre nas listas do que a Igreja considerava desonesto, impuro, como se ela também não estivesse sempre ligada às atividades que visavam lucros, acúmulo de riquezas ou propriedades.

Entre vários fatores que contribuíram para que os séculos XII e XIII fossem muito conturbados está a emergência de sentimentos nacionalistas, indo absolutamente contra o modelo feudal do medievo, baseado na posse de terra e na descentralização política. Os desejos coletivos se voltam à

formação de laços de união em função de uma língua comum, costumes e tradições.

Essa foi a época em que o clero passou a sofrer com crises que se instalaram entre ele e as monarquias feudais, decorrentes do fortalecimento da burguesia contestando os princípios econômicos da Igreja, cujo papel começa a apresentar urgência de revisão à medida que o feudalismo sofre com o processo de decadência, principalmente a partir do século XIII. No campo intelectual, além da abertura proporcionada pelas traduções, para o latim, de inúmeros textos gregos da filosofia clássica, surgiam pensadores fora dos meios eclesiásticos. Inúmeros foram também os movimentos que contribuíram para um novo modo de pensar e de viver. Um exemplo, ainda no século XII, foi o movimento joaquimítico, dos dominicanos. E, no século seguinte, movimentos como o franciscano trouxeram consigo a possibilidade de transformações até então impensadas. A época em que surgiu o movimento franciscano – no início do século XIII –, muito conturbada, já se caracterizava pelos questionamentos e expressão de indignação das pessoas com relação às estruturas rígidas de dominação, sociais, econômicas, políticas e religiosas vigentes.

Nota-se que na Idade Média qualquer movimento de reação às estruturas de poder passava pelo caminho da religiosidade, já que todas as instâncias da sociedade estavam ligadas a esse fator.

II

O movimento franciscano nasceu na cidade de Assis – hoje pequena cidade da Úmbria, região dos Apeninos na Itália, mas, naquela época, uma importante *comuna*. A comuna representava a união de uma burguesia nascente, desejosa de aumentar sua força e lutar contra os detentores de poder – os senhores feudais e a Igreja. Era uma associação fundada em um juramento mútuo e dirigida pelos membros mais influentes do grupo, normalmente mercadores. Aliás, já no século XI, desde o início do desenvolvimento urbano, principalmente na região da atual Itália lombarda, manifestava-se a resistência dessa camada da sociedade.

Assis viveu um tipo de feudalismo muito centralizado, estabelecido em torno de poucas famílias que exploravam o trabalho do restante da população. O sistema de comuna que passou a vigorar ali consistia num conjunto de associações de mercadores e artesãos, principalmente com o objetivo de apropriação de bens e lucros. Essa organização suprimiu os privilégios senhoriais e desconsiderou todos os limites das regiões que moviam e regulavam o mundo feudal. Na verdade, na sua concepção primeira,



a comuna era uma formação apenas para o enfrentamento do feudalismo, sendo que deveria ser dissolvida após a vitória nessa luta. O que ocorreu em muitos locais, entretanto – foi o caso de Assis –, é que através de uma organização bem estruturada e da elaboração de um documento, a comunidade burguesa assume a posição senhorial, dominando um contingente coletivo e em nada modificando a situação de exploração e exclusão da maioria.

O movimento franciscano surgiu nesse meio, não como uma expressão de camadas menos favorecidas da sociedade, mas sim entre grupos privilegiados como a burguesia e a nobreza. Teve origem no despertar da consciência de uma pequena parcela de pessoas com boa condição financeira. E foi impulsionado pelo desejo de abandonar o contexto da comuna de Assis. Buscava viver num mundo com princípios diferentes, ao perceber o quanto era maléfica a conjuntura engendrada pelo dinheiro. Tratava-se, antes de mais nada, de uma luta contra a injustiça social, corriqueira na comuna. Os franciscanos acreditavam desde cedo – quando nem mesmo eram assim conhecidos e apenas faziam parte de um pequeno grupo – num mundo diverso do único que conheciam e para além das visões de glória, lucro e poder.

Foi Giovanni di Pietro di Bernardone – conhecido depois como Francisco, nascido em Assis por volta de 1181 ou 1182, filho de um próspero mercador de tecidos – o fundador do movimento. Três são as hipóteses aventadas para explicar o prenome Francisco, inusitado na época: o pai teria trocado o prenome dado pela mãe ao voltar do país no qual teria colhido o novo nome; a mãe teria sido uma francesa (o que não está provado), donde “Francesco”, designação afetiva do adjetivo pátrio *francese*, que em italiano significa “francês;” ainda, o apelido lhe teria sido dado na juventude, pelo amor que devotava à língua francesa.

Tomás de Celano critica a educação recebida dos pais, segundo ele, responsável pela adolescência depravada do santo. Jacques Le Goff entretanto esclarece: “Em que passava o tempo o jovem Bernardone? Nos divertimentos de seu tempo, nada mais: nos jogos, no ócio, nos bate-papos, nas canções, e em matéria de roupas andava sempre na moda” (2001, p. 59).

O que o atrai é a guerra, o ofício das armas. Assis empreendia uma luta dupla entre partidários do papa e os do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, que ambicionavam apoderar-se daquela praça forte. Bernardone teria participado dessas lutas. Também combateu contra Perúsia, a velha rival de Assis. Em uma das batalhas, em 1202, foi feito prisioneiro por mais de um ano, ocasião em que adoece, conseguindo a liberdade mediante vultuoso regaste pago pelo pai.

Por volta de 1204 voltou novamente às fileiras de guerra em direção ao sul da península itálica. No caminho tem a sua primeira visão, em Spoleto, fazendo-o pensar no sentido do que pretendia fazer. Longa doença o imobiliza grande parte desse mesmo ano. Até a morte ele sofrerá de dois tipos de males: doenças dos olhos e afecções do sistema digestivo. As viagens, as pregações, as fadigas, as práticas ascéticas agravarão essa saúde precária.

Um ano depois, na Igreja de São Damião, testemunha a mensagem de um crucifixo – hoje símbolo do franciscanismo. A “voz” lhe teria pedido que reparasse a sua casa, ao que ele pôde conferir um sentido muito mais amplo e profundo, como a reforma da Igreja católica como Instituição, a começar por aquela capela.

Em 1206, Francisco já totalmente modificado com relação a sua postura diante da vida, passa por um episódio importante: a querela diante do bispo Guido de Assis. O pai lhe cobrava o dinheiro de uma venda de tecidos na cidade próxima de Foligno, da qual Francisco não tinha prestado contas, pois havia doado a renda ao responsável pela Igreja de São Damião, em ruínas. É nesse momento que Francisco se despe literalmente, ato que simbolizou o seu rompimento definitivo com o mundo das riquezas materiais. E passa a usar apenas uma túnica rústica com um cordão amarrado na cintura.

Os primeiros tempos de sua conversão viveu entre os leprosos, foi para Gúbio, na Úmbria. Trabalhou na reconstrução das igrejas de São Damião, de São Pedro e da Porciúncula; e elegeu a vida de eremita.

Por volta de 1208 percebe que precisa seguir Jesus na prática, sobretudo depois da leitura atenta do texto de São Mathias sobre as instruções de Jesus aos Apóstolos:

E quando fordes pregar, dizei que o reino dos céus está próximo. Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos e afugentai os demônios. Dai generosamente o que receberdes também generosamente. Não coloquais ouro, nem prata, nem cobre em vossas bolsas; não leveis em vossas viagens pergaminhos, nem duas roupas, nem sapatos nem bordão, porque digno é o operário do seu alimento. (Mat. X, 7-10)

A formação do novo movimento religioso se deu espontaneamente em torno da figura de Francisco. No mesmo ano de 1208 acompanharam-no os primeiros Irmãos: Bernardo de Quintavalle, Pedro Cattani, Egídio, Felipe e mais três companheiros, Leone, Angelo e Rufino. Logo juntam-se outros quatro adeptos formando os doze primeiros Irmãos Menores (assim

como os doze Apóstolos), que vão então a Roma pedir permissão ao Papa Inocêncio III para viver conforme a primeira regra prescrita por Francisco e registrada provavelmente pelo Irmão Leone, responsável também pelos demais documentos, como, por exemplo, a bênção assinada por Francisco que existe em sua Basílica, em Assis.

A aprovação conseguida não se dá através de uma bula papal, apenas com um diálogo. Consta que esta foi a regra que se perdeu.

Depois disso o grupo viveu um tempo em Rivotorto, local perto de Assis, estabelecendo-se em seguida na Porciúncula (hoje Santa Maria dos Anjos), onde havia uma pequena igreja de beneditinos que a emprestaram aos Irmãos Menores, sendo ali organizado o movimento.

Os franciscanos rejeitaram a vida conventual, preferindo ser pregadores peregrinos, algo muito novo para a realidade da Idade Média, sobretudo por se tratar de uma comunidade de frades de origens diversas. Em grupos pequenos ou em duplas, deslocavam-se pelo mundo, pregando nem sempre segundo o Breviário, mas sempre atentos à natureza e à prática da fraternidade e da pobreza.

Por volta de 1212 Chiara di Favarone, depois Santa Clara, dirige-se à Porciúncula após fugir de casa para juntar-se ao movimento, estabelecendo-se por fim em São Damião e dando início à primeira ordem franciscana feminina – a ordem das Clarissas.

Em 1215, o papa Inocêncio III reuniu um concílio em São João de Latrão, decidindo por uma nova cruzada e estabelecendo as bases para uma reforma da Igreja, cujo emblema fica sendo o *tau* (letra grega grafada τ correspondente ao nosso t), marcado na frente dos justos. Esse emblema, que lembra a cruz, é adotado por Francisco, que com ele assinava suas cartas e o pintava nos muros de seus eremitérios, como sinal da fé em Cristo crucificado.

Em 1216, o Papa Honório III permite oficialmente o estabelecimento dos Irmãos Menores na Porciúncula.

Nos anos que se seguiram houve importantes Capítulos reunindo um grande número de pessoas que vinham atraídas pelas idéias de amor e pobreza da nova Ordem que nascia. A partir desse crescimento passaram a instituir-se províncias com seus ministros para a organização do movimento que crescia muito depressa.

O ano de 1219 é marcado por missões em diversos locais: Alemanha, Espanha, Marrocos, França, Hungria. Nesse mesmo ano o então cônego regular Antônio (Santo Antônio) pede para ingressar na Ordem em formação. Ainda neste ano Francisco seguiu para o Egito com uma cruzada, a fim de

pregar o Evangelho aos sarracenos. No início essa cruzada se organizou com muita grandiosidade, da qual participaram o próprio São Luís, rei da França, o rei da Hungria, cavaleiros templários, cavaleiros das regiões onde hoje é a Itália e mercadores venezianos com suas embarcações. Mas logo apareceram dificuldades trazendo à tona os principais objetivos do empreendimento, como recompensas e outras vantagens financeiras. A derrota cristã veio logo. Foi então que desarmado e descalço Francisco foi ao encontro do sultão do Egito, Malik al-Kamil, que o recebeu e o conduziu ileso às fileiras cristãs, apesar de não ter sido convertido.

No ano seguinte Francisco vai à Terra Santa. Durante sua ausência os frades passam por grave crise. Novas idéias contrariavam o pensamento de Francisco, como, por exemplo, a insistência por permissão papal para a ordem das Clarissas; Francisco queria vencer pela luta através da humildade, da vida prática, mesmo sem a aprovação das regras. Foi então diretamente a Roma, com o objetivo de obter o apoio da cúria pontifícia para retomar o domínio da situação. Provavelmente em 1220, entrega a direção geral do movimento ao Irmão Pedro Cattani, que morre em seguida, sendo substituído pelo Irmão Elias de Cortona.

Nova regra foi escrita em 1221, a segunda, em que o ideal de pobreza era reforçado assim como o da minoridade, ou seja, nenhum Irmão poderia ser maior do que o outro. Para enquadrar a multidão de leigos que queria entrar para a Ordem e por provável sugestão do cardeal Ugolino, protetor da fraternidade, criou-se uma terceira ordem segundo o modelo da que acabava de ser instituída entre os *Umiliati*. Mas a regra para a Ordem Terceira, redigida em 1221 e aprovada pelo papa Inocêncio III, foi retocada a pedido do papa e do cardeal Ugolino e ficou pronta em 1223, com modificações contrárias às intenções de Francisco. Enviado a Roma, ainda sofreu ajustes, sendo finalmente aprovada através da bula de 29 de novembro de 1223, pelo papa Honório III, conservando-se a mesma até hoje como base da Regra franciscana.

Após a aprovação da Regra muitos questionamentos e novas propostas surgiram atenuando a rigidez do princípio de pobreza. Desgostoso, Francisco retira-se no Monte Alverne, perto de Assis. Em jejum e reflexão, é então objeto do chamado milagre dos estigmas: marcas como as chagas de Cristo teriam aparecido em seu corpo renovando-lhe a fé e a certeza de sua missão. Foi o primeiro estigmatizado do cristianismo.

Retornou depois a Porciúncula, saindo em pregação pela Úmbria e outras regiões e chegando a Ancona, às margens do Mar Adriático.

Muito doente e precisando de tratamento, Francisco vai a São Damião visitar Clara, por volta do ano de 1225. Clara permanece com ele mas nada

o faz melhorar: suporta as dores louvando ao senhor; foi nessa ocasião que compôs o Cântico das criaturas. Frei Elias consegue convencê-lo a consultar os médicos do papa. Seguem-se muitos tratamentos, sem sucesso, em Rieti, Fonte Colombo e Siena.

No ano seguinte, definitivamente fraco e próximo da morte, Francisco pede para voltar a Porciúncula. Nos últimos dias de vida, dita o seu testamento, que reforça os pensamentos de opção absoluta pelo seguimento do exemplo de Cristo. A 2 de outubro de 1226 reproduz a santa ceia. Abençoa a todos e, no dia seguinte, morre cantando, como testemunha a tradição. Tinha quarenta e cinco ou quarenta e seis anos.

Francisco não demorou muito para ser canonizado. Em 1228 passa a ser chamado São Francisco de Assis.

III

O movimento franciscano aparece inserido no contexto de renovação que se estabeleceu no período da Baixa Idade Média. O século XIII caracterizou-se por conturbações, mas também por aberturas até mesmo no âmbito religioso, com o surgimento de muitos movimentos de contestação à ordem vigente, vários dos quais considerados heréticos. Entre esses movimentos citam-se o dos cátaros ou albigenses, o dos valdenses e o dos *Umiliati*.

Os cátaros ou albigenses constituíram o movimento mais importante dos catalogados como heréticos. Entraram no século XI vindos da Bulgária, com idéias maniqueístas e desenvolvendo um tipo de vida muito austero em Albi, no sul da França do século XII, estendendo-se pela Baixa Renânia, outras regiões do Império Romano-Germânico, do Loire e dos Alpes, e principalmente pela França Meridional, a Provença e a Itália do Norte. Em torno de 1170, os valdenses, pobres de Lyon inspirados por Pedro Valdo, rico mercador francês que abandonara sua fortuna em favor dos pobres, seguiram uma vida apostólica norteada pela absoluta pobreza, tendo acesso à Bíblia em língua vulgar e dedicando-se à pregação e à mendicância. Por volta de 1175, um grupo de artesãos, os *Umiliati* (humilhados, em italiano), constituem-se em Milão como comunidade de trabalho e de oração, lendo a Bíblia em língua vulgar e pregando pela Lombardia. Nos tempos de sua formação, Francisco, teria tomado conhecimento dessas doutrinas que se desenvolviam pela Europa.

No ano de 1184, em Verona, o papa Lúcio III excomungou simultaneamente os cátaros, os valdenses e os *Umiliati*: a Igreja reprovava neles a usurpação dos monopólios dos seus clérigos, a pregação. Em resumo, eis o que reivindicavam alguns meios leigos à altura do ano de 1200: o acesso

direito à Escritura, sem o obstáculo do latim e a intermediação do clero; o direito à pregação, a prática da vida evangélica no século, na família, no trabalho, no estado leigo. Enfim, a aspiração à igualdade entre os sexos, conforme queriam os *Umiliati* da Lombardia, os penitentes rurais da Itália do norte, as beguinhas e begardos das regiões setentrionais da França e do Sacro Império Romano-Germânico (Le Goff, 2001, p. 36-37).

Quando se estuda o movimento franciscano é interessante ressaltar que ele não se posiciona contra a Igreja como pensamento, nem mesmo se declara contrário a sua forma de Instituição poderosa, não provoca rupturas diretas, mas age, sim, com muita firmeza na sua opção alternativa de vida, provocando mudanças pelo seu exemplo. Dentre essas mudanças a principal é a revisão que a Igreja teve de operar nas suas atitudes frente aos grupos menos favorecidos, à violência, à avidez de lucro. É certo que se o movimento não resolveu as questões de abuso de poder, pelo menos configurou-se como freio que atuou no momento certo. Além disso um grupo muito importante surgiu a partir das ordens mendicantes, principalmente do franciscanismo: o clero secular, que passou a viver mais próximo das comunidades e de suas reais condições.

Um exemplo da importância da fundação da Ordem Terceira está em alguns dos seus princípios básicos. Como informa Cayota *et alii* (1991, p. 62), na regra dos terceários se proibia todo tipo de juramento que não fosse de caráter religioso. Obviamente, com isso se debilitavam muito os laços entre o senhor e os seus vassalos. Proibia-se também o porte de armas, fato inusitado na época e que contrariava o espírito guerreiro. Apoiadas no franciscanismo, muitas fraternidades costumavam acumular um fundo para ajuda comunitária, utilizando-o inclusive para a emancipação dos servos, o que atingia uma das mais importantes bases do sistema feudal. Visto como uma ameaça ao poder opressor vigente, explica-se a oposição que sofreu o movimento por parte da burguesia mercantil e do alto clero, nos primeiros tempos.

Várias teorias existem sobre o rápido crescimento do franciscanismo: uns consideram que a atividade dos frades contra os hereges teria sido significativa, para outros teria sido a desilusão com outras ordens. Alerta-se também para a modificação do tipo de pensamento medieval, que estava dando lugar a novos modos de ver o mundo, como por exemplo o fato de os Frades Menores não excluírem ninguém de sua comunidade.

Muitos atribuem o crescimento do movimento a um fator interno específico, que se assenta na figura de Francisco, seu exemplo, sua forma de vida determinada que espalhava entusiasmo, bem como na semelhança existente entre as atitudes de seus membros e a vida primitiva dos Apóstolos, à imagem dos ensinamentos do Evangelho.

Desde muito cedo Francisco demonstrou receio quanto ao crescimento do número de Irmãos, pois as necessidades seriam cada vez maiores e os votos de pobreza passariam a correr cada vez mais riscos. Um exemplo claro da rápida expansão do movimento e também do desvirtuamento da observância rígida da pobreza, é que em 1264 a Ordem já possuía oito mil casas espalhadas pela Europa, segundo Corbisier (1988, p. 56).

O franciscanismo foi também muito importante no que se refere à valorização da mulher, que era completamente excluída de qualquer atividade formalmente significativa no contexto da sociedade medieval. A partir de Clara de Assis, abre-se uma porta para as ações femininas.

Os anos entre 1209 e 1212 foram marcados pelas reflexões de Clara e Francisco sobre a possibilidade de uma vida para mulheres semelhante à dos Irmãos. No dia 9 de agosto de 1253 – tempos depois da morte de Francisco – Clara recebeu o selo papal permitindo a Ordem das Clarissas, com votos de pobreza e regras muito similares à Ordem Terceira. Clara foi a primeira mulher a escrever uma regra no Ocidente cristão. Outra contribuição ao universo feminino, para sua transformação e aquisição de direitos, foi o incentivo franciscano à propagação da devoção à Virgem Maria, criando uma nova visão em que a feminilidade não aparece mais invariavelmente associada ao pecado, ao mal e à luxúria.

Um grande laço que unia a comunidade dos Irmãos Menores era o Capítulo, que se constituía em uma reunião periódica, onde deveriam estar todos os Irmãos – o que era uma inovação. Reuniam-se uma ou duas vezes por ano, para reflexões e discussões das regras. Essa espécie de assembléia é na estrutura do movimento a expressão da representatividade de todos os Irmãos. As regras deviam ser seguidas, mas não com obediência acrítica. A igualdade franciscana é algo tão respeitado que tanto leigos como clérigos, nos primeiros tempos, podiam exercer o ministério. O poder interno não era exercido por um superior, mas por um ministro que tinha por obrigação servir ou ajudar e nunca exercer poder tirano.

O ano de 1221 foi marcado por um grande Capítulo geral, realizado na época de Pentecostes, na Porciúncula, sendo que Francisco havia pouco tinha retornado de sua missão no Oriente. Este foi o último grande Capítulo que contou com a participação de todo e qualquer Irmão que chegasse, definindo a institucionalização do movimento.

O que norteou os franciscanos no seu início foi a Regra não-bulada, escrita por Francisco e os primeiros Irmãos, e que vigorou de 1210 a 1223, ano em que a Regra definitiva do movimento foi aprovada por bula papal. As normas contidas nas regras não buladas, seu conteúdo, não foram as

mesmas desde o início; com o passar do tempo foram sendo reescritas e alteradas. Possuíam um caráter de ocasião, assim não atendiam ao todo, sendo que muitas das necessidades do cotidiano eram reguladas pela prática, sem alusão específica na Regra estabelecida.

Quanto à discussão sobre o movimento constituir-se ou não como uma Ordem religiosa desde os seus primeiros tempos, muitos são os posicionamentos. Kajetan Esser é um dos autores que o considera desde seu início como ordem religiosa, com uma organização fortemente centralizada. Mas o fato de os membros tratarem-se como Irmãos confere ao movimento um espírito muito diferente do das outras ordens. O autor cita Bucardo de Usparg, que por sua vez recriminou os pobres de Lyon por se vestirem como clérigos, não fazendo o mesmo com os franciscanos, nem com a Comunidade de São Domingos. Salienta também Jacques de Vitry, que trata os Frades Menores como componentes de uma ordem religiosa já em 1216, considerando os Irmãos como uma inovação no contexto das organizações eclesiásticas.

No ano de 1221 registra-se que os frades franciscanos, quando estavam na Alemanha, foram considerados por outros religiosos como uma nova ordem, nem sempre vista com simpatia. O fato é que a incorporação do movimento franciscano à hierarquia eclesiástica, através da aprovação da Regra definitiva que a transformou em ordem religiosa instituída, foi uma das soluções a que recorreu a Igreja Católica Apostólica Romana para a sua própria renovação, que era emergente. O próprio papa, através de um sonho, teria visto sua Igreja em ruínas e o anúncio de que alguém apareceria para colaborar na sua reconstrução – isto teria ocorrido na noite anterior à ida de Francisco a Roma para pedir a aprovação da primeira regra, que lhe foi negada. O grande impasse era a Igreja querer reforçar o seu mundo, enquanto o movimento caminhava para um “mundo novo.” Essa união parecia incompatível. Mas foi o que ocorreu: o movimento foi aprovado pela Sé Católica em 1223 e incluído no corpo da Instituição. O outro grande motivo para essa aprovação foi a necessidade de regulamentação do costume de pregação franciscana para o seu controle por parte de uma Instituição que pretendia preservar sua hegemonia. Assim sendo, considera-se a oficialização do movimento uma atitude perspicaz do papa Inocência III.

Com a morte de Francisco, o movimento seguiu duas vertentes: a dos Espirituais, que pregavam a observância severa do pensamento e exemplo de Francisco, e a dos Conventualistas ou Conventuais, que buscavam atenuar o rigor das regras, principalmente quanto à questão da pobreza. Os Conventuais reivindicavam o direito à propriedade em comum para os membros da ordem.

Seguiram-se muitas discussões e conflitos, mas o Papado acabou por se posicionar a favor dos Conventuais, o que entretanto não fez com que os Espirituais desaparecessem ou adotassem os preceitos do grupo aprovado. Durante muito tempo os Espirituais se mantiveram vivos na Europa Ocidental e muitos entraram em contato com as teorias de Joaquim de Fiore (? 1202), através de seus seguidores chamados joaquimitas, que centralizavam seu pensamento na Trindade Pai, Filho e Espírito Santo, e consideravam que estas seriam as três etapas da vida da sociedade humana. A primeira seria o Velho Testamento, a segunda o Novo Testamento e a última, a época da vitória contra o mal, da transição da carne para o espírito, feita de uma Igreja apenas espiritual e portanto sem hierarquia.

Deve-se considerar, quando se trata da aprovação da Regra do movimento franciscano e logo de suas transformações, a habilidade política que foi necessária. No caso da Igreja permitindo que uma fenda se abrisse no seu fechado e rígido mundo; e no caso do movimento a adaptação das regras, por parte dos Conventuais, ao convívio com a realidade do contexto histórico, social e político da época. A hierarquia passou então a fazer parte da vivência dos franciscanos, que no entanto tinham recebido como um dos principais compromissos o de que nenhum Irmão poderia ser mais do que o outro, simbolizado pelo ato de que todos deviam lavar os pés uns dos outros.

O grande mérito do franciscanismo, mesmo que não tenha modificado as fortes estruturas de exploração da época, é sem dúvida ter aberto perspectivas para os excluídos medievais: doentes, leprosos, miseráveis e marginalizados de todos os tipos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANAIS do III Encontro Internacional de Estudos Medievais. Porto Alegre, 1997.
- ASCHER, Nelson. A Eliminação dos Miseráveis. *Folha de São Paulo*, SP, 27/04/1997.
- BAIGENT, Michael e LEIGH, Richard. *A Inquisição*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- BOFF, Leonardo, CAYOTA, Mário, CROCOLI, Aldir. *Francisco na Ótica Latino-Americana*. Petrópolis: SINFRAJIPE, 1991.
- _____. Leonardo. *São Francisco de Assis: Ternura e Vigor*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. Leonardo. Proposta Construtiva para uma Nova Igreja. *Caros Amigos*. São Paulo, Junho de 1997.
- CELANO, Tomás de, BOAVENTURA, São. Fontes Biográficas Completas. In: SILVEIRA, Frei Ildefonso, REIS, Orlando dos. (orgs.). *São Francisco de Assis - Escritos e Biografias - Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1996.

- CORBISIER, Roland. O Século XIII. In: CORBISIER, Roland. *Introdução à Filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações - A Idade Média dos séculos XI ao XIII*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DIAS, Ivone Marques. Alguns aspectos sobre a lepra na Idade Média. In: RIBEIRO, Maria Eurydice de B. *A Vida na Idade Média*. Brasília: UNB, 1997.
- DURANT, Will. São Francisco de Assis. In: DURANT, Will. *A História da Civilização IV - A Idade da Fé*. Rio de Janeiro: Record, 1950.
- FLOOD, David. *Frei Francisco e o Movimento Franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *As Utopias Medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- INÁCIO, Inês C., LUCA, Tania Regina. *O Pensamento Medieval*. São Paulo: Ática, 1994.
- JACQUARD, Albert. *La Preocupación por los Pobres*. Barcelona: Herder, 1996.
- JULIA, Dominique. A Religião: História Religiosa. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. (orgs.). *História e Novas Abordagens*. p. 106-13. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. O homem Medieval. In: LE GOFF, Jacques. (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- _____. *São Francisco de Assis*. Trad. de Marcos de Castro: Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2001.
- LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- MARCHAND, Adrian. *Francisco*. São Paulo: Loyola, 1993.
- MICCOLI, Giovanni. *Francesco D'Assisi. Realtà e memoria di una esperienza cristiana*. Torino: Einaudi, 1991.
- MINC, Alain. *A Nova Idade Média*. São Paulo: Ática, 1994.
- NIGG, Walter. *São Francisco, O santo da humildade*. São Paulo: Martin Claret, 1995.
- PILONETO, Adelino. *Francisco de Assis 750 Anos Depois*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- ROIO, José Luiz del. *Igreja Medieval. A Cristandade Latina*. São Paulo: Ática, 1997.
- SABINO, Mário. O Dogma e a Dúvida. *Veia*. São Paulo, 40- 44, 01 de Outubro de 1997.
- SEMINÁRIO DE TEORIA FRANCISCLARIANA, 1, 12 de Julho de 1997. Porto Alegre.
- SILVEIRA, Ildefonso e REIS, Orlando dos. *Escritos e biografias de São Francisco de Assis*. 6. ed. Petrópolis : Vozes/CEFEPAL do Brasil, 1991.
- ZILLES, Urbano. O Problema da Fé e da Razão. In: ZILLES, Urbano. *Fé e Razão no Pensamento Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.